

OS MAIS
PODEROSOS
2022
PRIMEIRA LINHA 4 a 8

**Viriato
Soromenho
Marques**
Filósofo

**“Poder
é a capacidade
de mudar o curso
das coisas”**

Uma conversa com Viriato Soromenho Marques, onde este sustenta que a transição energética é uma “ilusão”, abre a porta à divulgação da lista dos Mais Poderosos de 2022, uma iniciativa editorial que já vai na sua 13.ª edição. A partir desta sexta-feira ficará a conhecer a identidade das 50 personalidades que integram esta lista.

Pedro Catarino

Área: 4006cm² / 71%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7444803

#OS MAIS PODEROSOS 2022 ENTREVISTA

VIRIATO SOROMENHO MARQUES FILÓSOFO

“A transição energética é uma ilusão”

Soromenho Marques acredita que as alterações climáticas vão definir o futuro e que a resposta que está a ser dada não trará a desejada redução de emissões. Uma conversa sobre poder que marca a publicação, a partir desta sexta-feira, da lista dos Mais Poderosos de 2022.

PAULO RIBEIRO PINTO

paulopinto@negocios.pt

PEDRO CATARINO

Fotografia

Há ilusões que a humanidade de cristalizou e que são difíceis de denunciar. A começar pelo grande objetivo da transição climática. O filósofo Viriato Soromenho Marques aponta quatro grandes ilusões e a que mais lhe “dói” tem a ver com as soluções até agora preconizadas para o combate às alterações climáticas. Aponta a ideia generalizada de que não há limites físicos para o desenvolvimento. Uma conversa longa sobre o poder e os desafios presentes e futuros da humanidade.

Identifica quatro ilusões. Vamos começar.

A primeira ilusão é tecnológica. A ilusão de que tudo isto se resolve através do milagre tecnológico. Basicamente a ideia é esta: nós não temos de mudar o modo como vivemos, não temos de mudar o nosso estilo de vida. Temos

que mudar o modo como tecnologicamente o fazemos. Ou seja, não temos que ter uma mobilidade mais reduzida ou mais coletiva e menos individual, temos é que ter carros elétricos. O bom cidadão verde, ambiental, é aquele que tem um carro elétrico para não poluir o ambiental. Uma análise fria da evolução tecnológica é que quando as pessoas falam da tecnologia partem de um princípio que não é interrogado, ou seja, um pressuposto meramente de fé, uma convicção de que a tecnologia tem uma capacidade de progresso e de crescimento, do ponto de vista da inovação, que é muito maior do que aquilo que ela realmente tem. Uma coisa é a tecnologia de processamento e transporte de informação, outra coisa é o transporte de pessoas e de mercadorias, que é o que nós fazemos quando entramos no nosso carro. Aí a evolução tecnológica é mínima e até de certa forma penalizadora para a nova tecnologia.

Porquê?

Todas as grandes firmas de produção de veículos automóveis têm como se fosse uma espécie de ordem de Deus – a obsolescência programada. Os veículos estão

programados para ao fim de um determinado período de tempo ficarem impróprios para consumo e utilização. Isto leva-nos a uma situação totalmente incompatível, ou seja, são tecnologias altamente lesivas com um grande impacto ambiental.

Mesmo os carros elétricos?

Mesmo os carros elétricos. E depende da fonte da eletricidade usada. Há duas coisas que limitam a tecnologia: por um lado, a ilusão do infinito e, por outro, a tecnologia tem um desenvolvimento que não é feito para satisfazer as necessidades sociais e globais, mas em função de necessidades empresariais ou setores específicos como a indústria militar nos EUA, Rússia ou China.

E leva-nos à segunda grande ilusão.

É uma ilusão generalizada que tem a ver com a preocupação central com as questões ambientais. É pensar que se nós mudarmos a economia de mercado no sentido de uma maior eficiência energética, vamos conseguir fazer a chamada desvinculação entre o crescimento da riqueza e o impacto ambiental. Ou seja, conseguimos fazer uma coisa miraculosa que é crescer muito, mas diminuir ou estabilizar o consumo de matérias-primas e de energia. Há uma espécie de lei económica que é o paradoxo de Jevons. A ideia de que se nós mudarmos as máquinas, as tornarmos muito eficientes, então o que vai acontecer é que vamos conseguir realmente não só estabilizar a economia, como preservar o ambiente. Mas a procura acaba por aumentar, porque o produto embarateceu. E há outro fator, é que os outros países também vão fazer o mesmo.

E mais uma vez conduz-nos à terceira ilusão.

Esta é muito dura, até me custa. É daquelas verdades que custa a engolir, que tem a ver com a transição energética. Toda a estratégia de combate às alterações climáticas, nesta perspectiva de que não se muda o estilo de vida, mas a forma como o fazemos, é uma ilusão. E contra mim falo. Tenho muitas coisas escritas em que de facto depusitei esperança nisto e pensei que que talvez fosse possível.

E o que explica esse ceticismo?

Ao longo da história da energia, temos diferentes ciclos: do carvão; do petróleo; do gás natural e depois umas mais pequenas como o nuclear, o hidrológico e depois as renováveis. O que verificamos é que temos o carvão e continuamos com o carvão e pussemos em cima o petróleo e o gás natural e acrescentámos o nuclear e a energia hidroelétrica e a biomassa e a chamada energia verde. Explique-me como é que nós podemos chegar a 2050 e ter o verde a dominar? É impossível. E outra coisa, tínhamos que ser todos irmãos e amigos. Tinha que ser uma humanidade moralmente superior. Não temos um défice de energia, temos um défice de ética. Vamos continuar a ter um aumento do volume do consumo energético, mas dificilmente os combustíveis fósseis vão baixar dos 80% em que se encontram hoje e já assim era antes.

Então o que podemos fazer?

Nós temos que mudar de estilo de vida. Em muitas áreas temos que decrescer. Isto não é sustentável. As leis da economia neoliberal, neste momento, impõem-se sobre nós mais do que as leis



da Física mas as leis da Física vão vencer as leis da economia liberal.

Mas são os próprios movimentos ambientalistas que defendem esta estratégia.

É preciso que exista gente que denuncie as ilusões. O movimento verde está cheio de gente que acredita nisto, que acredita na transição. A transição dá muito jeito porque vai permitir que os donos do gás natural e do petróleo também se tornem donos do elétrico, das renováveis. Chamar à nossa época uma época de transição energética ou pensar que estamos a viver apenas uma crise climática é um disparate total. Nós temos uma grande crise ambiental e climática. Nós perdemos uma noção dos limites. O planeta não é o nosso armazém. O Planeta é uma joia preciosa. É uma raridade



PERFIL

O filósofo
ambientalista

Ainda jovem estudante fundou o seu primeiro movimento ambientalista - Movimento de Ação Ecológica de Setúbal - e no manifesto publicado no jornal Setubalense (então Nova Vida), em 1978, já alertava para a destruição da Natureza pela exploração dos recursos do planeta com o objetivo do lucro. José Viriato Soromenho Marques nasceu em Setúbal a 9 de dezembro de 1957. Licenciado em Filosofia, doutorou-se na mesma área em 1991 pela Universidade de Lisboa. O currículo é vasto. Foi presidente da associação ambientalista Quercus, entre 1992 e 1995, e é membro fundador da Zero, em 2016. Representou as associações de defesa do ambiente no Conselho Económico e Social. Proferiu ou orientou mais de mil conferências e cursos breves em Portugal e 23 outros países. Publicou ou coordenou dezenas de livros sobre política, filosofia, direitos humanos estratégica e, claro, ambiente. É professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 2003.

de e até agora não encontramos um único [planeta semelhante] no nosso sistema solar.

E falta-nos a quarta ilusão.

A quarta ilusão é também uma ilusão económica que foi muito difundida, mas que já está menos disseminada. Em todo o mundo isso já desapareceu, que é esta ilusão representada pela curva de [Simon] Kuznets.

As desigualdades aumentavam durante o período inicial de desenvolvimento económico e depois diminuíam.

Algumas economistas da área do ambiente foram buscar isto e vamos tirar aqui a desigualdade e vamos pôr 'impacto ambiental'. Portanto, um país um país desenvolve-se, investe. Tomemos o exemplo da China. Foi uma desgraça ambiental. A desgraça da

China foi o nosso benefício porque grande parte da melhoria do estado do ambiente localizado no ocidente tem a ver com o facto de que pusemos a nossa indústria transformadora lá. Portanto, o CO2 que eles emitem é o CO2 que nós usamos dos produtos que compramos.

Deslocalizámos a produção e a emissão.

Exato. E há esta ideia de que, a partir do momento em que atingimos um pico de riqueza, podemos financiar políticas públicas que vão permitir mais eficiência energética, leis ambientais mais exigentes, as empresas vão investir mais na criação de sistemas de controlo e redução da emissão etc. e o mundo fica maravilhoso. O problema central aqui é que a visão disto é uma visão provinciana.

Mas tivemos melhorias, ou não?

Se me perguntarem se o ambiente urbano, a qualidade do ar nas cidades no ocidente melhorou? Melhorou, claro. Nós hoje estamos melhor em Londres do que estávamos nos anos 1950,

em que se podia morrer. Hoje em, dia em Tóquio as pessoas andam com a máscara por causa das doenças, não é por causa da poluição atmosférica. Agora, esquecemos dos fatores agregados. O problema central aqui é que nós estamos a falar de uma eco-

nomia global e estamos a falar do crescimento e dos impactos do crescimento à escala global. Portanto a curva de Kuznets é um conceito que não reflete a realidade da economia mundial globalizada em que vivemos.

Ainda temos o Acordo de Paris.

O acordo de Paris é uma grande ilusão. E porque é que o acordo de Paris foi feito? Foi feito porque o presidente Obama quis simular um poder que não tinha. Como não tem Joe Biden, como não teve nenhum presidente nos últimos vinte anos. Ele não pôde aderir a nenhum protocolo porque tem supervisão independente, objetivos concretos, penalizações. Ele sabe perfeitamente que nem os senadores democratas aderiam, mas quis ficar bem na fotografia. ■

“Nós temos uma grande crise ambiental e climática.”

“A desgraça da China foi o nosso benefício, porque grande parte da melhoria do ambiente foi porque pusemos lá a indústria.”

#OS MAIS PODEROSOS 2022 ENTREVISTA

VIRIATO SOROMENHO MARQUES FILÓSOFO

“Poder é a capacidade de mudar o curso das coisas”

O New Deal de Franklin Roosevelt é um exemplo de como o poder pode alterar o poder democrático constitucional, uma forma de reinterpretar as regras do jogo que agora Viriato Soromenho Marques não encontra.

PAULO RIBEIRO PINTO
paulopinto@negocios.pt
PEDRO CATARINO
Fotografia

O exercício do poder nada tem a ver com a força, mas com a capacidade de mudar o rumo da história e desafiar as regras do jogo. Viriato Soromenho Marques aponta vários exemplos, mas reconhece que atualmente, o poder é difuso e sem rosto, o que resulta numa irresponsabilidade organizada.

Num livro relativamente recente de Moisés Naim sobre o poder, ele refere-se à **decaência do poder. Considera que, de facto, há uma decaência?**

Se quiser há sempre uma risco de uma certa confusão entre conceitos que ocupam um campo semântico muito parecido: o poder, a autoridade, a força. Portanto, são tudo conceitos muito próximos. Temos de definir. Eu sigo muito a visão dos contratualistas, ou seja, a visão dos autores modernos do pensamento político, a partir fundamentalmente do fim do século XVI. Essencialmente o poder deriva de um coletivo. Ou seja, nós não podemos dizer que uma pessoa que tem muita capacidade atlética por exemplo, é uma pessoa poderosa. Não, é uma pessoa forte. Há uma diferença. A força é um predicado do indivíduo. O poder é o predicado de um coletivo. Nós não podemos dizer que os presidentes X ou Y são poderosos. Quem tem poder é, de facto, o Estado que eles representam. Portanto, o poder depende do quê? Depende de um coletivo.

E a esse coletivo nós chamamos várias coisas. Podemos chamar a Nação, o Estado, a Federação.

Mas que se liga num cimento?

Esse cimento é uma lei fundamental, uma constituição, ou pode ser uma tradição. Todos os países têm constituições, que podem ser mais ou menos democráticas, mas todos eles têm uma lei fundamental. O que nós estamos a assistir é a uma enorme atrofia deste poder que está associado ao Estado e à esfera da política. Por exemplo, quando é que se notam as marcas do poder? Notam-se na capacidade de mudar as regras do jogo, na capacidade de mudar o curso da história.

Como por exemplo?

O New Deal do [Franklin] Roosevelt, uma viragem verdadeiramente assombrosa de poder democrático constitucional. Porque mudou a interpretação do contrato americano, ou seja, da construção americana, ao tornar o Estado interveniente para salvar a Nação, para salvar os trinta e tal por cento de americanos que estavam no desemprego e a pas-

sar fome. Enfrentou o Supremo Tribunal, que representava toda aquela tradição do federalismo antigo. Em março de 1933 começa logo, naqueles cem dias, a combater a crise bancária e encontra uma enorme reação, não da população, mas da elite financeira e do próprio político. Sobretudo aquela ideia de que o Governo Federal começava a ter um papel mais interveniente, ao contrário daquela visão antiga que durou até essa altura, que era de que no fundo existia um federalismo dual. Foi ele que inventou um novo federalismo, que é o chamado federalismo cooperativo.

Que está em risco?

Agora estamos numa fase de desconstrução. Portanto eu penso que neste momento o federalismo americano está ferido de forma grave.

Mas é esse o poder tradicional?

Não é um poder tradicional, como por exemplo na Grã-Bretanha. Aí temos claramente a marca de um poder tradicional. No nos próprios Estados Unidos nós

tínhamos um poder tradicional que Roosevelt adapta. Portanto, o que nós temos aí é, de facto, o poder político como sendo capaz de desenhar um novo mapa e uma nova linha de abordagem da realidade. Coisa que neste momento tenho dificuldade em vislumbrar. Temos um sistema político que está paralisado. Sem nenhum golpe de Estado (não foi preciso o Trump tomar o Capitólio) o sistema político americano é incapaz de fazer mudanças fundamentais.

E na Europa?

Também temos uma situação semelhante na Europa.

Porque é que isto acontece?

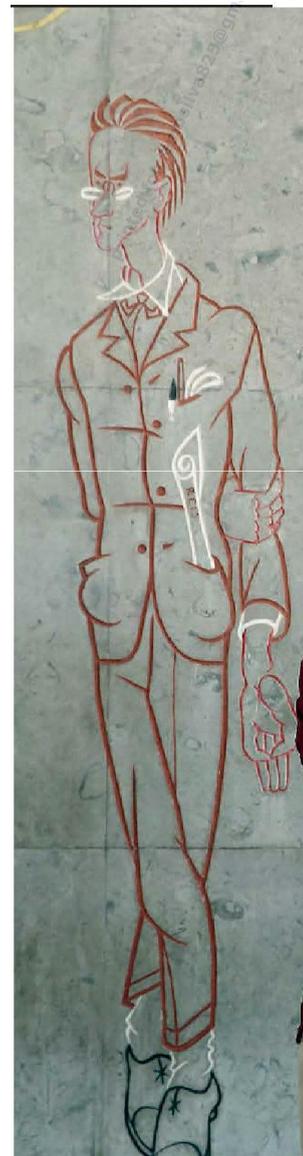
Trata-se de um poder difuso. Porque o poder político tem a característica de implicar um rosto. Implica alguém dar a cara pela mudança e correr os riscos dessa mudança. Nos EUA, na década de 1960, todos os homens que deram o rosto pela mudança política foram assassinados – JF Kennedy, Martin Luther King.

Mas quem é que manda?

Na verdade, ninguém é responsável. Nós vivemos num sistema de irresponsabilidade organizada. Ilouve uma transferência da capacidade de tomar decisões de uma esfera política, que tem um rosto, para uma esfera de regras de sistema económico neoliberal, que não tem rosto, em que as responsabilidades são difusas.

Que já existem?

O que é que é o Bill Gates? O que é que é o Elon Musk? São monstros, no sentido em que deixam de ser pessoas e passaram a ser forças, como se fossem forças da natureza. Forças telúricas. Quando o Bill Gates escreveu aquele livro sobre alterações climáticas, de



repente moveu tudo. Eu quase que fiz uma espécie de registo sísmico na academia das ciências dos Estados Unidos, onde um grupo de trabalho sobre geoengenharia publicou um grande relatório mesmo a pensar Bill Gates. Até o nuclear, que estava adormecido.

São estes gestores e empresários os poderosos?

O poder hoje seria a capacidade de mudar o curso das coisas. As pessoas a quem chamamos poderosas, são os gestores. Hoje o poder seria a capacidade de, com humildade, dizer que dependemos todos uns dos outros. ■



“Vivemos num sistema de irresponsabilidade organizada.”

“O sistema político americano é incapaz de fazer mudanças fundamentais.”

“Só uma pessoa que não conheça e não tenha estado atento à realidade é que pode dizer que o Putin é um louco.”

“A democracia deve estar onde está o poder. E na Europa estão separados.”

“As sanções à Rússia vão impactar de forma desastrosa o futuro da UE”

Como avalia a resposta da União Europeia, EUA, de certa forma, do Ocidente, à guerra na Ucrânia?

Tecnicamente falando, nós não estamos em guerra com a Rússia, mas estamos num processo de escalada nesse sentido. Ou seja, neste momento, com o apoio em armamento e com todo o apoio financeiro que os países da União Europeia e os Estados Unidos estão a dar, nós estamos numa situação que, do ponto de vista da estratégia, pode ser considerada como um grau baixo de uma situação de conflito.

Mas houve um quase consenso na UE.

Eu pergunto quando é que o Parlamento português se reuniu para analisar a situação e tomar uma decisão? Qual foi a reunião do Conselho de Ministros em que se tomou uma decisão. Ou seja, a primeira coisa a ver é o poder real do nosso país. O nosso poder real é mínimo. Vem da questão do sistema difuso de irresponsabilidade organizada. Mas vem também da nossa construção europeia. Eu sou um federalista, porque acho que a democracia deve estar onde está o poder. E na Europa nós temos poder e temos democracia, mas estão separados. Ou seja, onde estão o poder real que afeta a vida das pessoas não está a democracia.

Falta escrutínio?

A Comissão Europeia não é uma estrutura democrática, o Banco Central Europeu não é uma estrutura democrática. Tem uma margem de manobra absolutamente gigantesca que não tem nenhum sistema efetivamente de controlo. O BCE faz uns relatórios para o Parlamento Europeu, mas a única autoridade que eu vejo que pode pôr em causa é o Tribunal Constitucional alemão.

Então é um problema de construção da própria UE?

Nós criamos um labirinto, um novelo. Nós temos poder e democracia na Europa. O problema é que não há coincidência. Onde temos democracia temos muito pouco poder ou seja temos eleições, temos parlamento, mas aquilo que os parlamentos decidem é muito pouco. E temos depois decisões poderosíssimas, mas que não são democráticas. Veja o que aconteceu agora com as sanções à Rússia. Foram decisões que vão impactar de forma desastrosa no futuro da União Europeia. É um tsunami.

Mas que opções tem a UE?

Eu acho que as opções não são nada nobres. A Europa ou recua, ou parte-se completamente. Essa é a questão. Não queira imaginar

o que é que poderá ser do meio de Espanha para cima o inverno com com dificuldades energéticas. As dificuldades económicas das pessoas, e carestia.

Mas Putin invadiu um país soberano.

Só uma pessoa que não conheça e que não tenha lido e estado atento à realidade é que pode dizer que o Putin é um louco. Ele é um homem que pode ter muitas características. É um político realista, um político brutal quando é preciso. Mas é um indivíduo que pensa muito. Por isso é que o Nordstream abriu. Com um fluxo mais pequeno, mas abriu. Isto é uma arma fantástica da Rússia. Ele vai usá-la de acordo com aquilo que é conveniente. Então agora em julho com este calor é que ele ia cortar? Como europeu sinto-me envergonhado.

Mas qual é a solução para terminar com o conflito?

O que é dito para aí é uma blasfémia ao bom senso, derrotar a Rússia. O que é isso derrotar a Rússia? Isso é guerra nuclear. Isso não vai acontecer. Portanto, o que é necessário neste momento é parar as armas e entrar num processo negocial. Baixar a tensão. E isso implica que os territórios, neste momento, ficam nas mãos de quem os tem. ■

OS MAIS PODEROSOS 2022 ENTREVISTA

VIRIATO SOROMENHO MARQUES FILÓSOFO

“Neste momento, a América está fechada num bunker”

Para Viriato Soromenho Marques, os Estados Unidos perderam a capacidade de liderar o mundo e as grandes questões do futuro. Dá o exemplo das alterações climáticas, que Washington não consegue encabeçar.

PAULO RIBEIRO PINTO
paulopinto@negocios.pt
PEDRO CATARINO
Fotografia

Foi um constante regresso a Roosevelt e ao sistema político norte-americano ao longo da conversa. Os Estados Unidos deixaram de saber ou conseguir liderar as grandes mudanças e alterações como aconteceu no pós-Segunda Guerra Mundial. O combate às alterações climáticas é um exemplo dessa falta de liderança.

Ainda faz sentido aquela ideia do Presidente dos EUA ser o homem mais poderoso do mundo?

É um exemplo da falta de poder. O homem mais poderoso do mundo é uma mentira. O poder dos Estados Unidos neste momento está no Congresso e no Supremo Tribunal, que são as instituições mais perigosas para o futuro da humanidade neste momento, bloqueiam qualquer mudança positiva.

Em que sentido?

O problema que nós temos hoje é a insustentabilidade, é a crise ambiental e climática. Ou seja todos os dias nós vivemos na Internet? Esta coisa do metaverso que é apenas uma repetição de coisas mais antigas. Lembra-se do Second Life?

Um mundo virtual.

A política está no Second Life e a economia está no mundo real. E o que acontece é que de vez em quando o mundo real bate no Second World através das grandes

crises. A política deixou de trilhar um caminho que seja confiável e no caso dos Estados Unidos, concretamente, nós temos o exemplo da incapacidade de liderarem a política ambiental e climática. A hegemonia americana aconteceu porque as pessoas também beneficiavam dela. Quem é que construiu as instituições de governação coletiva do mundo? Foram os Estados Unidos; as Nações Unidas, o Banco Mundial, o FMI.

Bretton Woods...

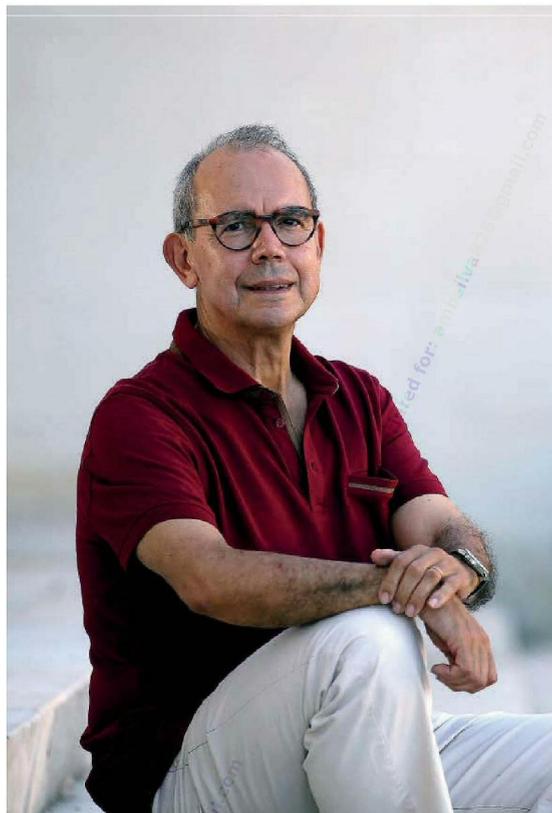
Os Estados Unidos eram líderes, mas tinham cadeiras para os outros sentarem. E identificaram as prioridades: a reconstrução, a educação... No final dos anos 1990, depois do Al Gore, os EUA deixaram de liderar. Neste momento a América está fechada num bunker.

Mas a Comissão Europeia quis liderar este processo das alterações climáticas.

O que está a acontecer na sequência da guerra é mostrar como é que todas as decisões que são tomadas na União Europeia e toda a retórica da Comissão Europeia é um tigre de papel. Veja com toda a acuidade que foi posta em 2019 no pacto ecológico europeu – Green New Deal – está a ser desfeita. Neste momento, voltámos à idade do carvão na Alemanha.

E o contrato social?

Nós passámos de um pacto que assinámos nos anos 1970 quando passamos do modelo de capitalismo de Welfare State para o capitalismo neoliberal que nos governa. E que governa, por exemplo, a nossa rica União Europeia. Julgo que se o [Friedrich] Hayek estivesse vivo neste momento, ele bateria palmas e diria ‘era isto que



“Os Estados Unidos eram líderes, mas tinham cadeiras para os outros sentarem.”

“O discurso tornou-se de uma simplificação total, como que fica tudo binário.”

eu queria’. Ou seja, neste momento nos Estados Unidos ainda existe a sombra do Estado. Nós não temos. É um sistema fundamentalmente orientado para reproduzir um sistema de uma economia liberal, uma economia de mercado radical. Nós vemos como é que o discurso se torna de uma simplificação total, como fica tudo binário. Ou é isto ou é aquilo. Mas através da extrema-direita à extrema-esquerda. A ideia é esta: ‘ou tu defendes este modelo neoliberal e consideras que isto é que é o mercado, ou então estás numa fantasia neocomunista ou alguma coisa qualquer’. Nós podemos ter prazer intelectual quando encontramos a inteligência a brilhar num campo diferente das nossas ideias.

Há uma tendência evangelizadora?

Há ali um evangelismo de mercado. O mercado é um conceito muito interessante da economia. O mercado é mais antigo que o capitalismo. Nós já tínhamos mercado no neolítico. Agora aquele modelo de que o Estado regulamenta o mercado e depois a economia respeita as regras e vai fazendo o que é preciso para as pessoas se alimentarem, etc., isso desapareceu a partir do momento em que passou a vigorar a ideia neoliberal, muito bem expressa por [Milton] Friedman e Hayek. A partir de 1978 nós temos a viragem neoliberal, em que o Estado se limita a facilitar o crescimento do mercado.

Mas como chegámos aqui?

É um processo lento e não foi total. Começa na China. No fundo a China fez em trinta anos o que a Grã-Bretanha fez num século e meio. ■